



**SARAU NOTURNO:
CAMINHOS EDUCATIVOS REDUTORES DE DANOS NA INTERFACE POÉTICA
ENTRE ESCOLAS PÚBLICAS**

*NIGHT LITERARY SOIRÉE:
EDUCATIONAL PATHS TO REDUCE DAMAGE IN THE POETIC INTERFACE
BETWEEN PUBLIC SCHOOLS*

*SARAU NOCTURNO:
CAMINOS EDUCATIVOS PARA REDUCIR LOS DAÑOS EN LA INTERFAZ POÉTICA
ENTRE LAS ESCUELAS PÚBLICAS*

*“Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas – é de poesia que estão falando”
(Manoel de Barros)*



Francisco José Figueiredo Coelho

Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde (Fundação Oswaldo Cruz)
Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira, CEPAP, SEEDUC-RJ
São Gonçalo, RJ – Brasil.
ensinodeciencias.ead@gmail.com



Andrea Viana da Silva Diniz

Mestrado em Educação (Universidade Federal Fluminense)
Instituto de Educação Clélia Nanci, IECN, SEEDUC-RJ
São Gonçalo, RJ – Brasil.
dinizandrea@id.uff.br

Resumo: Amparado por referenciais que discutem o papel educativo, social e cultural da escrita poética nas escolas públicas, o presente artigo descreve e debate as ações que subsidiam um Sarau noturno realizado anualmente em uma escola estadual no município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil. O mesmo tem a intenção de congregar produções poéticas elaboradas pelos alunos a partir de algumas oficinas realizadas. Além do propósito motivacional e sensibilizador para a escrita, o Sarau Noturno favorece o encontro de poetas, egressos, comunidade escolar e profissionais de ensino das unidades escolares, possibilitando reflexões que explorem caminhos alternativos para lidar com as vulnerabilidades e com as mazelas sociais que privam e invadem o espírito humano. A partir das observações coletadas nos anos de 2023 e 2024, é possível aferir que o trabalho colaborativo do Sarau Noturno corrobora com o afloramento de sensibilidades e estimula a escrita, sendo potencialmente redutor de danos dos estigmas e preconceitos sociais, permitindo que distintos temas contemporâneos transversais venham à tona e sejam debatidos nas escolas.

Palavras-chave: sarau literário; poesias; redução de danos; ensino médio.

Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)

COELHO, Francisco José Figueiredo; DINIZ, Andrea Viana da Silva. Sarau noturno: caminhos educativos redutores de danos na interface poética entre escolas públicas. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 71, p. 1-15, e26242, out./dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n71.26242>



Abstract: Based in references that discuss the educational, social and cultural role of poetic writing in public schools, this article describes and debates the actions that support a nighttime soiree held annually at a state school in the municipality of São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brazil. It is intended to bring together poetic productions created by students based on some workshops held. In addition to the motivational and awareness-raising purpose for writing, the Night Soiree favors the meeting of poets, alumni, the school community and teaching professionals from school units, enabling reflections that explore alternative ways to deal with vulnerabilities and social ills that deprive and invade the human spirit. From the observations collected in the years 2023 and 2024, it is possible to verify that the collaborative work of Sarau Noturno corroborates the emergence of sensibilities and stimulates writing, potentially reducing the damage of social stigmas and prejudices, allowing different transversal contemporary themes come to light and be debated in schools.

Keywords: literary soirée; poems; harm reduction; high school.

Resumen: Apoyado en referencias que discuten el papel educativo, social y cultural de la escritura poética en las escuelas públicas, este artículo describe y debate las acciones que sustentan una velada nocturna realizada anualmente en una escuela pública del municipio de São Gonçalo, Río de Janeiro, Brasil. Se pretende reunir producciones poéticas creadas por estudiantes a partir de algunos talleres realizados. Además del propósito motivacional y de sensibilización de la escritura, la Velada Nocturna favorece el encuentro de poetas, exalumnos, comunidad escolar y profesionales de la enseñanza de las unidades escolares, posibilitando reflexiones que exploren caminos alternativos para enfrentar las vulnerabilidades y males sociales que privan y Invadir el espíritu humano. A partir de las observaciones recogidas en los años 2023 y 2024, es posible comprobar que el trabajo colaborativo de Sarau Noturno corrobora el surgimiento de sensibilidades y estimula la escritura, reduciendo potencialmente los daños de los estigmas y prejuicios sociales, permitiendo que salgan a la luz diferentes temas contemporáneos transversales. y ser debatido en las escuelas.

Palabras clave: recital; poemas; reducción de daños; escuela secundaria.

1 Introdução

Quem nunca leu um poema? Quem nunca sentiu e colocou em palavras suas dores e/ou alegrias? Quem nunca apreciou uma letra de música e se identificou com os pensamentos e emoções ali contidas? Há muitos caminhos e formas para se pensar e viver o gênero poético. Ou, como ressalta Coelho (2022), pensar e viver o âmago de nossas distintas expressões poéticas.

Ao longo da última década, autores como Córdova (2004), Henriques (2012), Nunes, Arraes e Sousa (2017), Pinheiro (2018), De lima (2021) e Coelho (2022), têm se preocupado em mostrar potencialidades e delicadezas das expressões poéticas no âmbito formal de ensino, sobretudo nas práticas educativas que estimulam a juventude a compreender a poesia não apenas como registro literário, mas – sobretudo – como expressão das emoções e da sensibilidade humana e “releitura de sentidos sobre várias dimensões” da vida (Henriques, 2012, p. 139).

Para Hélder Pinheiro (2018), ainda com múltiplos caminhos para estimular a poesia, o poema ainda é um gênero literário pouco trabalhado nas escolas (ou negligenciado, como aponta). Para o autor, embora a partir dos anos 1970 tenha ocorrido uma massificação da literatura infantil e juvenil, houve um trabalho efetivo de ordem literária e social para levar a poesia para a escola e aproximar os leitores para este gênero.

Na visão de Pinheiro (2018), a poesia favorece e elabora um espaço dialógico, quer dizer, um lugar norteado pela interação, repleto de leituras de diversos textos, de construção de sentidos. Nessa ótica, a poesia se torna não apenas uma ferramenta, mas a prática pedagógica em si, por reunir a escrita, a emoção, a liberdade de sentir e se expressar e oferecer empatia à leitura e emoções alheias. Assim, corroboramos com Pinheiro na medida em que as expressões poéticas que surgem no espaço da escola (dentro ou fora da sala de aula) são potentes para privilegiar o debate, sobretudo, por ser um instrumento democrático, por ser um momento de todos revelarem, se quiserem, seus pontos de vista, suas discordâncias e consonâncias (Córdova, 2004; Pinheiro, 2018).

Pinheiro (2018), caminhando sob uma ótica interacionista da aprendizagem, enxerga a poesia como um caminho mais estimulante para desenvolver a escrita e a leitura juvenil, entendendo que o papel do aluno é atuante e pensante no processo de leitura, permitindo-se, em sala de aula, outras leituras que não sejam a do professor, ou até mesmo a do livro didático, tido por parte dos docentes (ainda em pleno século XXI) como portadores da verdade.

Nesse mesmo caminho de Pinheiro (2018), Pereira e Silva (2023) pontuam duas preocupações básicas acerca da escrita nas escolas: O que escrever? E como escrever? Com isso, lembram as autoras, a questão da grafia e da textualidade passa a ter um peso muito grande para aquele que escreve. Embora elas se debrucem no trabalho com crianças, há de considerar que os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) também se sentem desamparados para se expressarem poeticamente. Feedbacks informais com alunos desta modalidade de ensino têm revelado preocupação com erros gramaticais e, especialmente, timidez para exporem suas emoções.

As impressões de Pinheiro (2018) se aproximam as de Córdova (2004) e Nunes, Arraes e Sousa (2017), especialmente acerca da poesia ser uma ótima opção para professores que se propõem a trabalhar com textos significativos visando à formação de leitores críticos, reflexivos, e atuantes que se identificam como um ser social transformador e que reflete um momento político fundamental da construção dos saberes.

Para Leonardo De Lima (2021), a poesia assume um papel humanizador e sensibilizador para o exercício do pensar, do se emocionar e do apreender questões sociais. Experiências do autor revelam que a poesia nos contextos atuais de ensino pode ser motivador para a escrita e para a leitura, os quais não podem ser unicamente em prol de questões gramaticais ou estruturais da língua, como costumeiramente acontece com o uso dos poemas e da expressão poética nas aulas de língua inglesa e portuguesa. Para o autor, a leitura e o debate sobre as poesias sensibilizam para novos olhares sociais e estimulam a sensibilidade alheia, auxiliando a rever o papel de cada um na sociedade onde a poesia circula (De Lima, 2019). Tais pressupostos também são compartilhados por Pereira e Silva (2023), ao compreenderem a prática da escrita pela reflexão favorece a sociocomunicabilidade entre as pessoas e vai ao encontro das relações com os diversos contextos sociais em que essas pessoas atuam (Pereira; Silva, 2023).

Outro aporte teórico importante sobre a poesia, é a interlocução da leitura diante de todo o cenário digital que vivemos no período pós-pandemia. Para Carlos Felipe Moisés (2019), não basta oferecer o gênero literário, mas compreender a história do interesse do homem contemporâneo por poesia e o porquê de tantos jovens estarem distantes desse tipo de literatura. O autor entende que a poesia é um caminho importante para repensar e discutir a sensibilidade nessa nova geração estudantil, marcada e cercada pela tecnologia de ponta.

Convergindo com Moisés (2019), Coelho (2021) reconhece a importância de explorar a escrita sensível e a poesia em diferentes momentos da vida das pessoas, especialmente reconhecendo que as expressões poéticas proporcionam momentos de reflexão sobre a

magnitude da convivência social. Nessa ordem, o próprio estigma de que as poesias são recursos pretéritos e que o/a poeta é um sofredor são pontos importantes para repensar o educativo e o social.

2 A poesia e seus sensíveis atravessamentos: a pedagogia redutora de danos como sugestão

Como mencionamos antes, entendemos que a poesia tem uma intenção muito maior, a de facilitar a percepção e leitura de distintos fenômenos sociais e a entendê-los pelo viés do sentir. Por isso, Coelho (2021) e outros poetas costumam também a usar o termo arte poética, para dimensionar a robustez do gênero literário diante da expressão do viver e do sentir.

Nessa ótica, enxergamos a linguagem poética não apenas como uma expressão do sentir, mas do viver. Repensar as múltiplas experiências de vida, entender os pontos de angústia e alegria que estimulam e emergem de tais narrativas se colocam como momentos de aprendizagem e produção de conhecimento importantes para compreender a realidade que nos circundam desafiando-nos a novas leituras e produções de sentidos.

Acerca do produzir novos sentidos, para nós é urgente que o estímulo às expressões poéticas também possibilite momentos de percepção e análise que favoreçam caminhos de libertação de sentimentos desagregadores e experiências desagradáveis (alguns diriam traumáticas). Assim, assumimos que o referencial pedagógico da Redução de Danos (RD) parece convidativo, uma vez que a aplicação desta conjuntura conjuga elementos essenciais para a reflexão e a intervenção de questões sociais contemporâneas que impactam na convivência harmoniosa entre as pessoas e na qualidade de vida dos sujeitos.

Á título de exemplo do que mencionamos, Gilberta Acselrad (2005) enfatiza a importância das sensibilidades no âmbito da prevenção ao uso abusivo de drogas e da promoção de saúde com qualidade. Essa perspectiva, enfatiza a autora, inclui todas as drogas, legalizadas ou ilegais, e não preza pela imposição da abstinência de forma radical para todos, entendendo que muitos usuários não conseguem, não podem ou não querem interromper o uso. Nesse viés, A RD, diferente da pedagogia proibicionista, envolve uma dimensão compreensiva do fenômeno que não deve ser confundido com permissividade. Parte do princípio de que as pessoas vivem em contextos diversos de vulnerabilidade e de que a fragilidade não é algo apenas individual, mas coletiva e socialmente construída (ACSELRAD, 2005). Quer dizer, apoiando-se neste pressuposto, entendemos que não se trata de apologias antiproibicionistas, mas de se apropriar de reflexões e momentos de elaboração poética que ofereçam experiências

de distintas ordens culturais, políticas e espirituais, permitindo que a escola assuma seu papel minimizador de riscos e danos ao bem-estar dos estudantes.

Na cena pedagógica, portanto, nos parece conveniente o estímulo para uma formação literário-cultural em que a sensibilização pela dor do outro e pelas mazelas sociais também faça parte dos debates e das proposições de leitura. Em complementação, como nos lembra Pinheiro (2018), o professor ou mediador de tal prática, pode ser um agente indispensável para uma interlocução potente, o reconhecimento dos contextos sociais em ela ocorre, além da valorização do universo cultural dos seus alunos, muitos deles atingidos por situações violentas e excludentes do nosso cenário social.

Diante de tais princípios, pensar o suporte da RD aliado ao afloramento das emoções na escola são cabíveis para estimular uma pedagogia mais compreensiva e que reconheça as múltiplas relações contemporâneas que envolvam episódios esporádicos ou problemáticos de abuso, privação de liberdade (racismo, toxicidade relacional, exploração feminina, questões de gênero etc.), assentindo e autorizando o profissional da Educação como agente fundamental dessa sensibilização. Em outras palavras, como apontado por Coelho, Silva e Silva (2023), se tomarmos como parâmetro as diferentes situações que envolvem práticas abusivas na vida dos estudantes, perceberemos que pensar na RD vai além dos problemas com o álcool ou outras drogas. Isso inclui problemas com o uso excessivo de celulares, questões de violência e outros temas emaranhados na vivência escolar.

No que mencionamos até aqui, entendemos que o estímulo às expressões poéticas e a realização de propostas pedagógicas pautadas na poesia estão amparadas na minimização de riscos e danos emocionais cujo afloramento das sensibilidades parece permitir reflexões e inflexões essenciais para a convivência entre as pessoas, minimizando angústias e sentimentos depreciativos não pena exclusão deste sentir, mas pelo reconhecimento de tais sentimentos e redimensionamento do espírito humano.

Nesse contexto, este capítulo oferece narrativas trazidas por estudantes de duas escolas estaduais do Município de São Gonçalo, RJ, participantes de um Sarau noturno. Com isso, evidenciamos a articulação da RD a promoção da sensibilidade para a releitura de sentidos sobre várias dimensões do processo de ensinar e aprender que vão se constituindo ao longo das trajetórias de formação docente e discente por meio da poesia.

3 O sarau noturno: uma breve descrição

O Sarau noturno é uma ação extensionista que ocorre anualmente nas dependências do Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira (CEPAP), localizado em São Gonçalo, RJ, desde 2020. Desde sua gênese, o projeto tem a tradição de acontecer no final do mês de março, culminando com o primeiro bimestre do calendário letivo. Intencionalmente ao ocorrer no primeiro bimestre do calendário letivo, marca o primeiro evento solene realizado pela escola, abrindo os demais projetos educativos da escola. Nessa ocasião, convém destacar, o Sarau noturno acontecia de forma mais recatada, composto apenas pelos professores e estudantes da instituição e não era aberto ao público.

A partir de sua terceira edição, realizada em 2022, o Sarau passou a ser organizado em parceria com o Colégio Estadual Clélia Nanci (IECN), localizada no município acima descrito. O alinhamento e organização conjuntos favoreceu a inclusão de distintos convidados, desde cantores, compositores, escritores e coletivos de poetas da região e adjacência, transformando a ação extensionista em um movimento cultural local. Em outras palavras, o Sarau noturno passou a ser um evento cultural (como marcado por alguns estudantes), aberto para as comunidades interessadas.

O Sarau Noturno é um espaço protagonizado por docentes e discentes das duas instituições escolares, cujo movimento vem fomentando reflexões a partir das mais variadas temáticas que são provocadas pelos textos poéticos, pela música, danças, exposições, encenações, entre outras performances. A proposta desse encontro é marcada, em grande medida pela expressão, seja ela oral, escrita, corporal, envolvendo sempre o ato criativo e incentivando o protagonismo discente, conforme os aportes que trouxemos na introdução. Como recorte, traremos neste capítulo as impressões dos autores acerca da terceira e quarta edições, realizadas em março de 2022 e 2023, respectivamente.

O mais importante para a culminância das expressões poéticas é o resgate da liberdade para sentir e reviver alguns sentimentos, fundamentais para que as expressões poéticas brotem. Esse aporte teórico-metodológico tem nos apresentado o prazer de uma escrita viva e implicada. Apesar de sua complexidade encontramos leveza e possibilidades de diálogo também com outras formas de linguagens e manifestações da subjetividade como a poesia, a música, a corporeidade, a dança, entre outras. Nossas formas de viver, ser e compreender podem se manifestar por meio das narrativas. Existem vários modos de narrar e a experiência narrada pode ser deflagrada por inúmeros meios.

E de que escrita estamos falando? E sobre o que escolhemos escrever, ou melhor, narrar? Pereira e Silva (2023) resgatam tais perturbações, que podem ser complementadas a partir de uma citação de Conceição Evaristo:

Nesses momentos, em voz pequena, antes de escrever, repito intimamente as passagens que já sei desde sempre. Não de me perguntar: por que ouço então as outras vozes, se já sei. Ouço pelo prazer da confirmação. Ouço pela partição da experiência de quem conta comigo e comigo conta. Outro dia me indagaram sobre a verdade das histórias que registro. Digo isso apenas: escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências. Escrevivências. (Evaristo, p. 17, 2017).

Nessa partição de experiência, sem juízo, sem questionamentos, sem interrupção do fluxo vivo da narrativa temos aprendido o mergulho nas profundezas das palavras que reverberam de vozes docentes e discentes que partilham suas dores, medos, inquietações e desejos, mas que ao mesmo tempo, fazem nascer sonhos e práticas na busca por uma educação mais justa e menos excludente. O foco, nesta ocasião, não está na escrita em si, mas nos sentimentos e nas emoções que corroboram para tal processo, oferecendo o aporte redutor de danos à prática pedagógica e permitindo que a escola se converta em um espaço cultural, permeado pela troca de distintos saberes passíveis de debate de respeito às diversidades que reconhecem e minimizam efeitos deletérios (Coelho; Silva; Silva, 2023), assumindo uma escrita e oralidade do escrever pela vivência.

Nessa lógica, a escrevivência (Evaristo, 2007; 2017) aqui não se trata apenas de mais uma metodologia, mas uma potência de criação subjetiva e memória individual/coletiva, como um deflagrador de narrativas que nos fazem recorrer a um acervo de toda uma vida. Consideramos que a escrevivência desencadeia a rememoração que torna o compartilhar algo possível, não se trata de acordar um passado adormecido, mas de acordar, rever e refazer sentidos, no aqui e agora.

Tanto no CEPAP (com as turmas de Nova Educação de Jovens e Adultos) quanto no IECN (com as turmas de terceiro ano do Cursos Normal), previamente são desenvolvidas oficinas de Poesia, seguindo as etapas descritas no quadro 1:

Quadro 1 – Etapas das oficinas poéticas nas escolas

Etapas
(1) Acolhimento
(2) Bate-papo sobre gêneros poéticos
(3) Leitura por fruição
(4) Registro das experiências poéticas
(5) Leitura de palavras
(6) Partilha coletiva de produções

Fonte: Os autores.

As etapas acima mencionadas - explicadas e justificadas na seção seguinte – corroboram e facilitam para o exercício de pensar pela liberdade. Ressaltamos que os estudantes têm de eleger o que preferem comentar e servir como base para suas ideias, um dos aportes fundamentais para se pensar na conexão com a ótica redutora de danos das distintas questões emocionais que brotam das vidas cotidianas. Partir das alegrias, das tristezas, dos martírios e das vulnerabilidades é uma condição importante para que as emoções e sentimentos alimentem e subsidiem a prática. Ambas etapas se baseiam no respeito e na compreensão da complexidade da heterogeneidade.

Acerca de tal fenômeno, Pereira e Silva (2023) reconhecem que os professores podem estimular que distintas vivências brotem, explorando diversas trajetórias e ritmos de aprendizagem. A heterogeneidade dentro da sala de aula envolve, assim, desde habilidades cognitivas dos alunos, ritmos de aprendizagem, até fatores socioeconômicos, familiares, culturais e valorização do próprio aluno e família com relação à aquisição do conhecimento. Convém lembrar que, embora quase sempre seja atribuído ao professor/a de português e literatura a mediação das atividades que trabalhem a expressão oral e escrita, salientamos a importância da escrita poética também ser estimulada e auxiliada (e por que não dizer conduzida?) por outros professores. Quanto mais se favorece as reflexões e as escritas a partir das vivências múltiplas, mais os estudantes podem perceber como o trabalho de escrita é interdisciplinar.

4 Impressões pertinentes: da formação ao desabrochar poéticos no sarau noturno

Temos acompanhado que desde a sua terceira edição (2022), o Sarau Noturno tem possibilitado novos desdobramentos. Além de se um lugar de encontro, de trocas, de ampliação de repertório linguístico, simbólico e cultural, essa estratégia - que tem estruturado e atravessado nossas práticas docentes – também ampliou nossos olhares para repensarmos o cenário de vulnerabilidades, opressões e desafios que nossos estudantes vivenciam. Uma prática, decerto, balizada pelas singularidades que se produz no vivido, sempre mediado pelos outros, pelas diferenças, pelas heterogeneidades e pelo rompimento com certas racionalidades técnicas que impedem que nossos (as) jovens se tornem autores de sua própria história.

O que notamos destas última edições é que o Sarau noturno se configura como um projeto instituinte, é um lócus de pesquisa e também de formação pois nos sugere sempre a partilha da fala, do pensamento, das produções e reflexões coletivas, dos saberes que se revelam pelas vias da reflexão e problematização em uma rede de conhecimento que tem se tornado

referência para pensarmos o ato criativo, a escrita de si, a formação docente e discente, mas sobretudo, para pensarmos a vida na sua inteireza. Tal prática vem formando leitores e leitoras, não só da palavra escrita, codificada, mas do mundo, a medida em que vai nos colocando em contato com narrativas de experiências vividas por meio da poesia, bem como as inúmeras possibilidades de significações que isso pode trazer, aportes importantes trazidos por Pinheiro (2018) e Moisés (2019).

O fato é que os alunos e alunas de ambas as escolas se beneficiam desse movimento. Na verdade, o que acompanhamos é o encontro de duas práticas que se completam, que confluem, que dialogam e que se tecem na junção de muitos fios, urdiduras e tramas. Nessa tecelagem, nessa artesanaria que envolve saberes e fazeres destacamos também a Pesquisa formação Narrativa (Auto) biográfica, esse aporte teórico-metodológico por meio do qual refletimos e compartilhamos nosso fazer enquanto professoras e professores pesquisadores(es), sempre no encontro dialógico e polifônico com outros sujeitos.

Perante o pressuposto, compreendemos que a manifestação do Sarau na escola nos parece clara para o compromisso político de pensar a educação e a produção do conhecimento não como algo reprodutor e mecânico, mas como diria Córdova (2004, p. 88), como uma atividade prático-poiética, “ou seja, uma atividade criadora, enquanto auto-alteração do educando e numa atividade articulada ao projeto de autonomia.”

Acerca das etapas de produção poética mencionadas na seção anterior, convém sinalizar que notamos muitas angústias e receios nesta primeira etapa de acolhimento. É o momento pelo qual a dúvida surge e o panorama de incertezas é posto em xeque. O distanciamento da linguagem poética é comum, visto por parcela dos estudantes como algo distante de suas realidades. Por isso o momento do acolhimento foi cautelosamente pensado como primeiro movimento de aproximação. As/os estudantes são convidados(as) a circulem pela sala, previamente organizada, com poesias, livros, biografias de poetas, materiais artísticos, folhas, tintas, pinceis, refugos da natureza, entre outros recursos que possam ser utilizados durante os registros das leituras, interpretações e manifestações poéticas. Esse momento fica livre para circulação, manuseio, leituras, observações e diálogos.

Diante dessa pequena imersão, o segundo momento é marcado por um bate-papo sobre o gênero poesia. Aqui, narramos sucintamente de que forma se deu nosso encontro com a poesia e de como ela nos atravessa cotidianamente. O objetivo dessa etapa também é desconstruir essa ideia de que poeta é um ser que já nasce com dons e é dona(o) de habilidades e inspirações excepcionais e que por isso é alguém fora do comum. Ou alguém que precisa ser

validado pela academia, como por exemplo ter feito graduação em Letras, ter amplo conhecimento das técnicas e características da estrutura de um poema, estudar rimas, métricas, versos, estrofes, enfim uma infinidade de saberes.

Ao mesmo tempo que trazemos essa provocação, não queremos, em nenhum sentido, banalizar o papel da(o) poeta, pois “[...] o poeta é fio condutor e transformador da corrente poética” (Paz, 2012, p. 22) e isso não é algo tão simples, pois há de se considerar seu olhar sensível para a realidade, de perceber a “dimensão poética da existência humana” [...] de se comunicar “com o mistério, que está além do dizível” [...] e “ver o mundo esteticamente” (Morin, 2004, p. 45). Por ora podemos defini-lo assim:

Poeta

O que cabe num coração poeta?

O que é um poeta? Eu me pergunto todos os dias. Um poeta talvez seja um desses caras cirúrgicos nas palavras, especialistas nas incisões mais certas, profundas e dilacerantes da alma das quais não se pode fechar nunca mais.

Um poeta talvez seja um cozinheiro que mesmo fazendo uso de ingredientes tão corriqueiros de nossa culinária é capaz de tirar sabores únicos jamais degustados.

Um poeta é músico mesmo sem saber que é. Especialista nos ritmos, nas cadências. Ele é músico por alimentar e corporificar as mais belas melodias com palavras. O poeta dá forma às canções.

Um poeta é louco, mesmo sem precisar de um hospício

Um poeta é um ser vadio. É um ser viajante de um tempo que as vezes nem lhe pertence e que nunca viveu.

Um poeta é constância e inconstância. É paradoxal!! Ele transborda, mas nunca está cheio por completo, porque o cheio para ele significa a impossibilidade de poder abrigar outras coisas e formas da vida em si. Ele é inacabamento.

Um poeta é esse ser vagabundo que zoneia nossa mente, nossos afetos, nossas certezas, nossos amores, nossos sentidos, nosso corpo e que mesmo sem fazer nada abriga de um tudo na própria existência.

É esse ser bandido, saqueador e muitas vezes marginal, assaltante de almas perambulantes de um mundo embrutecido e cruel. Ele as toma e depois as devolve mais sensíveis e humanas.

Um poeta é um afetado, um delinquente, um infrator que segue contrariando aquilo que afirmávamos, através da dureza das ciências, não existir. Ele não está nem aí para isso! Ele é isso e ponto.

Um poeta abriga em si um infinito e é inútil descrevê-lo por que ele será sempre mais. (Diniz, 2018, p. 6-7)

Poeta, como citado anteriormente é fio condutor e transformador da atividade poética que “é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro” (Paz, 2012, p. 21).

No terceiro momento acontece a leitura por fruição, desfrutando do prazer, ou quem sabe, da dor que cada poesia pode proporcionar. A escolha dos textos fica sempre a cargo das(os) participantes, que geralmente são escolhidas durante o primeiro momento. Mas é comum que poesias autorais também sejam lidas. Redes sociais, sites ou páginas específicas, são muito acessadas para leitura de textos poéticos durante as oficinas. Apesar da maioria realizar uma leitura mais silenciosa, geralmente, nesse momento, algumas pessoas gostam de recitar poesias em voz alta. Mas é importante garantir que cada participante fique confortável quanto a isso, a fim de evitar bloqueios e constrangimentos. Após a leitura fica aberto o espaço para comentários relacionados ao porquê da escolha, de que maneira o texto foi tocando cada uma/um, que tipo de sentimento foi despertado, que tipo de reflexões suscitam, que lembranças/memórias são despertadas, que tipo de experiências foram possíveis vivenciar e com que medida essas experiências dialogam com a educação, com curso de formação de professores.

No quarto momento fazemos o guarda-chuva de palavras. Assim que as leituras se encerram vamos provocando as(os) participantes a falarem palavras-chave, aquelas que julgam importante destacar e que de alguma forma estão relacionadas ou presentes nas poesias lidas. Essas palavras são escritas em plaquinhas de papel, em seguida são presas em pedaços de fita e depois amarradas nas extremidades de um guarda-chuva. Dependendo do número de palavras apresentado é necessário continuar a escrita no quadro, pois é importante que nenhuma palavra deixe de ser registrada. No CEPAP, nos últimos anos esta etapa tem sido realizada colocando as palavras-chave coladas na lousa.

No quinto momento as(os) participantes são convidadas(os) a deixarem registrado suas experiências poéticas que podem se materializar em poesia, narrativas, pinturas, desenhos, colagens, bordados entre outros, fazendo uso do material disponibilizado no espaço. Os registros poderão ser feitos de forma escrita ou oral.

O sexto momento é marcado pela partilha coletiva de produções. Cada participante é convidada(o) a apresentar sua manifestação poéticas para as(os) demais presentes, compartilhando suas impressões, estabelecendo uma conversa compromissada com a escuta, com os modos de pensar. É o momento também de perguntas, reflexões em torno do tema apresentado inicialmente sempre em diálogo com a educação e nossos processos formativos.

Uma conversa que não impõe e nem antecipa caminhos, mas que os revela. Assim, não se trata de

[...] categorizar as falas dos sujeitos interlocutores da ação investigativa, de inseri-las em quadros descritivos ou em conceitos-chaves, recolher delas dados e analisá-los. Trata-se antes, de pensar com elas, escutá-las, pensar a partir delas, com toda imprevisibilidade e contingência que a pesquisa pode revelar” (Ribeiro, Souza, Sampaio, 2018, p.167)

O que apuramos destes seis momentos na orientação discente para a elaboração das poesias é o papel fundamental que o professor assume nos processos tanto de escrita, quanto de orientação para a vivência da sensibilidade. Nesse âmbito, autores como Córdova (2004) e Pinheiro (2018) ressaltam a necessidade de os professores assumirem papéis mais ativos no trabalho educativo como um todo. Especificamente, na produção partilhada do saber escolar, inclusive da poesia por se considerar que esse gênero contribui de maneira singular para a formação linguística, cognitiva, afetiva e psicológica dos(as) alunos(as).

Podemos dizer que o encontro entre docentes e discentes da CEPAP e do IECN por meio dessas duas propostas que dialogam com a poesia vem possibilitando novos olhares e resignificação de nossas práticas. Em ambas as ações, seja no Sarau Noturno ou nas Oficinas de Poesia (realizada nas duas escolas) vamos nos alternando ora como narradoras(es) ora como ouvintes, as vezes como autores e outras como leitores. De qualquer forma, seja numa posição ou noutra estamos mergulhadas (os) em um fluxo narrativo comum e vivo. Como num tear vamos puxando fios e na mesma medida com que é possível vê-los separadamente é possível também perceber uma tessitura que se forma a partir de várias experiências e narratividades espontâneas advindas de uma comunidade de vida e de discurso, inscrita num tempo global onde juntos encontramos “justamente tempo para contar” (Ganebin, 1997, p. 11).

Na conjuntura de todo o dimensionamento afetivo e das sensibilidades estimuladas/afloradas no processo da construção poética, permeiam inflexões e reflexões fundamentais que estimulam a leitura, o autoentendimento da vida e para um novo olhar da poesia e recepção do poema de forma livre, suave e sem a opressão da obrigação de escrever, o que afere à estratégia das oficinas de poesia e ao sarau uma dimensão humanizadora, democrática e redutora de danos riscos e danos da toxicidade das relações humanas.

5 Acabamentos provisórios

Em diálogo com autores e autoras referendados(as) ao longo desse texto, trazemos nossas experiências pautadas por perspectivas metodológicas outras em estreita relação com a

Arte, com a estética, com as subjetividades e as práticas instituintes, cujo nascedouro são nossas salas de aula e nosso fazer compromissado com a educação pública. Ambas as experiências trazem a poesia/experiências poéticas como um dispositivo metodológico. Adiante descreveremos o Sarau Noturno e como as duas escolas conseguem uma ação integrativa neste processo.

Sempre atentos às narrativas, desenhos, pinturas, poesias, danças, encenações, entre outras manifestações poéticas que emergem desses espaços, nos sentimos cada vez mais provocados e inspirados a pensar novas ações a ressignificar nossas práticas. Não se trata apenas de levar a poesia para a escola no intuito de aproximar leitores e leitoras para este gênero, mas de criar espaços dialógicos, marcados pela interação, pela produção de conhecimento e de sentidos. Se expressar poeticamente é uma atitude revolucionária, é uma ação democrática marcada pelo direito e o desejo de ser e estar no mundo a sua maneira.

O encontro anual dessas duas práticas tem nos unido pela dimensão humanizante e sensibilizadora da poesia sempre com seu olhar voltado para o ensinar, o aprender, para os modos pelos quais nos reconhecemos e interagimos diante das questões sociais, das quais não podemos escapar.

Referências

ACSELRAD, Gilberta. A educação para autonomia: construindo um discurso democrático sobre as drogas. In: ACSELRAD, G. (Org.). **Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005. p.161-188.

COELHO, Francisco José Figueiredo. **Expressões poéticas: décadas plenas**. Editora Atena: 2022.

COELHO, Francisco José Figueiredo; SILVA, Georgianna; SILVA, Maria de Lourdes. A pedagogia redutora de Danos na Orientação educacional. **REVASF**, Petrolina – PE. Vol 13, n 32, dezembro, 2023. ISSN: 2177-8183. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/2357/1584>.

CÓRDOVA, Rogerio de Andrade. **Instituição, Educação e Autonomia na obra de Cornelius Castoriadis**. Brasília: Plano editora, 2004.

DE LIMA, Leonardo Jovelino. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 37, p. 271-290, set.-dez. 2021. <https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2021.62044>.

DINIZ, Andreia. **Poeta**, IN: ROXO, Tânia Ribeiro. Poezine. Niterói: Armazém de Quinquilharias e utopias, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de Leves Enganos e Parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra**. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.
GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

HENRIQUES, Eda Maria de Oliveira. **Textos literários e a formação do professor: novas possibilidades de narrar**. Cadernos CEDES, v. 32, p. 319-334, 2012.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia para quê? A função social da poesia e do poeta**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NUNES, Ginete C.; ARRAES, Cybele L.B.; SOUSA, Jurandi A. Lendo Poesia no Ensino Fundamental. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, vol.11, n.36, 2017, p.224-238. ISSN: 1981-1179. <https://doi.org/10.14295/online.v11i36.787>.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PEREIRA, Vanessa Brandão; SILVA, Magna do Carmo. Produção de textos no 3º ano do ciclo de alfabetização: um olhar sobre a heterogeneidade. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], n. 67, p. e24213, julho, 2023. <https://doi.org/10.5585/eccos.n67.24213>.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 2ª ed., João Pessoa: Parábola, 2018, 150 p.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.